

O FILHO ETERNO
De Cristovão Tezza

Silvia Maria Rocha

É um livro sobre a relação pai-filho, reconhecida como tal – um não existe sem o outro. É sobre um filho especial – mas qual não é? É sobre um pai especial – mas haverá um pai comum?

A narração inicia procurando justamente mostrar uma cena comum: noite alta uma mulher avisa ao marido que o filho vai nascer. Esse marido se define como “um homem distraído”, a quem é preciso tocar o braço e falar com voz mais alta para que ele entenda a urgência do momento. E continua, definindo-se como alguém que, até os 28 anos, “não tem nada, e não é ainda exatamente nada” (p. 9). Ele sente, porém, a necessidade de definir o que está acontecendo, então imagina uma cena de Cartum, passa a representar as cenas seguintes, como se fosse tudo um teatro mais ou menos humorístico, caricatural. E angustiante, pois ele precisa apelar constantemente ao cigarro e ao álcool (drogas, afinal...) para se manter naquela situação incômoda, coisas normais acontecendo e ele se sentindo “em outra esfera da vida”, pois se sente “predestinado à literatura – alguém necessariamente superior”. Auto-definindo-se em terceira pessoa, o autor diz de seu personagem: “ele vive à margem” (p. 10).

Quem é o personagem central deste livro? O filho? O pai?

A meu ver, desde as páginas iniciais fica definido que o personagem central aparentemente é o menino Felipe, porém visto pelo olhar de seu pai que tem uma extrema dificuldade em se definir como pessoa. Então será, na verdade, o pai o personagem central?

Resolvo o problema anterior dizendo que o livro tem dois personagens principais (pai e filho) e dois personagens secundários (a mãe e a filha). E, de início, me chama a atenção o fato de, desses personagens, só o filho ter nome. Fiquei esperando que, talvez mais pro final do livro, aparecesse o nome dos outros, e nada... O único nomeado, afinal, é o filho. Será porque Deus Pai na tradição cristã não tem nome, só o Filho (o único encarnado, portanto, limitado, definido)? Na tradição judaica não há a Trindade, e nem se pode dizer o nome de Deus, só há formas de circunlóquio para referi-Lo (o Altíssimo, o Rei dos Reis, etc). Este pai e este filho, na narração, ficam bem diferenciados: o filho é logo definido (por um diagnóstico genético, pelo nome de uma síndrome, por seus limites e habilidades), e o pai prefere continuar sem definição. Estará o pai sempre além de qualquer definição?

No episódio da primeira fuga do filho, quando a polícia o traz de volta, os policiais chegam a duvidar que o pai seja pai mesmo, pois o menino não o chama de pai (e o autor aproveita pra contar, *en passant*, que o menino nunca o chamou assim!), mas a mãe ele chama de “mãezuca” e tira as dúvidas dos policiais.

Lá pro final do livro aparecem personagens com nomes: Dolores, Virginia, Juliana, nomes que são apenas referências, tanto para o pai como para o filho.

Mas o filho é definido pelo pai, e pelos outros, não por ele mesmo, a não ser na forma de teatro, de representação. O pai do pai (avô de Felipe, portanto) aparece esporadicamente, como uma lembrança de alguns poucos momentos, faltaria, portanto, um modelo, uma referência ao pai de Felipe? Ninguém o definiu como filho, talvez?

Lá no final do livro, o pai observa a facilidade como o filho assume papéis mas só os leva a sério por um momento, depois troca ou esquece, e então ele lembra que finalmente se definiu quando se tornou professor, “isto é, ganhava algum dinheiro com o suor do seu rosto, como queria o seu pai e o pai de seu pai até o início e o fim dos tempos” (p. 214).

Mas, aos poucos, aparecem algumas características positivas do rapaz-pai-de-Felipe, p. ex., ele gostava de fazer teatro, e isso o ajuda a compreender um pouco o comportamento do filho. Ele procura desenhar o filho, e o filho se desenvolve no desenho, conforme vai crescendo.

Lembro aqui de um filme documentário a que assisti há alguns anos, tratando da vida das crianças nos primeiros *kibutzim* israelenses, onde o ideal socialista e as dificuldades de criação do país fizeram com que os pais trabalhassem todo o dia e as suas crianças ficassem numa creche, atendidas por pessoas especializadas, onde recebiam a visita dos pais, no final do dia, para brincarem e conviverem um pouco, e onde depois dormiam, em dormitórios coletivos, afastados dos pais. Eram mostradas cenas das crianças daqueles tempos, hoje muitos deles avós, e muitos deles narraram a falta que sentiam dos seus pais, e a dificuldade que tiveram para criar seus filhos, quando o modelo socialista já fora abandonado. Eles não sabiam como conviver quotidianamente com seus filhos, mas conseguiram recuperar a naturalidade ao ter netos. Eles não falavam em “papel de pais”, eles falavam na naturalidade do convívio.

Este livro parece um libelo contra o pai, na verdade, alguém lembra daquela expressão – Pai Eterno? Ou estará nos dizendo que só quando há uma anormalidade é possível se manter eternamente Filho?

Todo o tempo o pai se compara com o filho, não ao contrário, como se acharia normal...

”o filho começa a dar os primeiros passos, dois anos e dois meses depois de nascer. Eu também nunca fui precoce, ele pensa, sorrindo, ao ver o menino andando sozinho pela primeira vez, num equilíbrio delicado e cuidadoso, mas firme.” (p. 121)

“... o seu filho é teimoso. Faz parte da síndrome, ele sabe ... mas o pai também é teimoso, e mais obtuso ainda, porque sem a desculpa da síndrome.” (p. 129)

Em entrevista ao Jornal da Tarde, de Salvador, em 31/01/2009, o autor reconhece que, escrevendo este livro, venceu um tabu, um tema difícil para ele. Não queria que fosse um livro de auto-ajuda, nem um “derramamento emocional”, por isso afastou-se do personagem, vendo-o de fora (o que reconhece ter copiado de Coetzee), o que acha que deu força literária ao texto, afinal.

Se o Felipe tem síndrome de Down, o pai dele é autista, foi minha observação, desde o início do livro. O livro todo é um monólogo, seguindo o fluxo de consciência de um narrador onisciente, que na verdade é o próprio personagem central, mas que evita colocar-se como tal, assumir seu “eu”.

O pai de Felipe, durante o livro todo, quer se definir como escritor, mas a literatura, para ele, a meu ver, ele usa como uma armadura, que o separa dos outros, que amortece e evita que os outros e os fatos causem qualquer impacto. A última restrição que ele faz ao filho, quando já conseguiu penetrar e entender um pouco o mundo em que o filho vive, é de que ele não é capaz de entender uma metáfora. No entanto, o filho o surpreende usando, por imitação da linguagem do pai, uma metáfora.

Achei bem feliz o capítulo final, quando o pai aceita que uma coisa simples seja sua forma de comunicação com o filho e compreende que o futebol se transforma “num estímulo poderoso”. “O futebol, esse nada que preenche o mundo”(p. 218) pode ser uma metáfora da vida e seu eterno retorno, e do futuro imprevisível que se precisa aceitar.